

80 anos da imigração japonesa na Amazônia: sistema agroflorestal - uma solução para o desenvolvimento sustentável na Amazônia.

Michinori Konagano

Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu (Camta).

E-mail: konagano@hotmail.com

Submetido em: 24/11/2014. Aprovado em: 27/10/2017. Publicado em: 20/12/2017.

RESUMO

Apresenta a história da primeira cooperativa agrícola japonesa em Tomé-Açu, no estado do Pará. Identifica a localização do início da colonização, as dificuldades e a criação da Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu (Camta).

Palavras-chave: Biodiversidade amazônica. Sustentabilidade. Cooperativa agrícola. Imigração japonesa na Amazônia. Pimenta do reino. Monocultura.

80 years of Japanese immigration in the Amazon: agroforestry system - a solution for sustainable development in the Amazon.

ABSTRACT

It presents the history of the first Japanese agricultural cooperative in Tomé-Açu, in the state of Pará. It identifies the location of the beginning of colonization, the difficulties and the creation of the Mixed Agricultural Cooperative of Tomé-Açu (Camta).

Keywords: *Amazonian biodiversity; Sustainability. Agricultural cooperative. Japanese immigration in the Amazon. Black pepper. Monoculture.*

80 años de la inmigración japonesa en la Amazonia: sistema agroforestal - una solución para el desarrollo sostenible en la Amazonia.

RESUMEN

En el caso de la primera cooperativa agrícola japonesa en Tomás-Açu, en el estado de Pará, identifica la ubicación del inicio de la colonización, las dificultades y la creación de la Cooperativa Agrícola Mixta de Tomás-Açu (Camta).

Palabras clave: *Biodiversidad amazónica. Sostenibilidad. Cooperativa agrícola. Inmigración japonesa en la Amazonia. Pimienta negra. Monocultura.*

INTRODUÇÃO

As primeiras famílias de imigrantes japoneses chegaram à Tomé-Açu (PA) em 1929, e organizaram a primeira cooperativa agrícola para superar as adversidades e colonizar uma região de floresta amazônica. Na década de 30, a colônia cultivava apenas arroz e hortaliças, e enfrentou forte crise econômica por falta de plano agrícola definido, aliado às doenças tropicais. Na época, o Dr. Makinosuke Usui introduziu a pimenta-do-reino, trazida de Cingapura para reverter a crise, e a primeira cooperativa foi transformada, em 1949, na Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu (Camta).

Após a II Guerra Mundial, cresceu a demanda por alimentos, inclusive a pimenta-do-reino, motivando a expansão da monocultura na região. A partir dos anos 50, Tomé-Açu destacou-se como maior polo de produção, elevando o Brasil ao topo da exportação mundial desta especiaria, denominada na época “diamante negro”, por ter proporcionado, prosperidade e riqueza à região.

Ao final da década 60, surgiram doenças dizimando vastas plantações dessa piperácea, originando nova crise na região. Temendo os riscos da monocultura, adotou-se na década de 70 o plantio de espécies frutíferas e florestais, dentro dos pimentais decadentes. Essa tecnologia, denominada Sistema Agroflorestal de Tomé-Açu (Safta), desenvolvida pela comunidade nipo-brasileira, originou um modelo exclusivo de Agricultura Conservacionista dos Recursos Hídricos e da Biodiversidade Amazônica.

A produção do Safta garante a sustentabilidade econômico-ecológica e social, fechando-se o ciclo do agronegócio por meio da agroindústria, e absorvendo toda a produção da região.

Atualmente, a Camta movimenta 19,3 milhões de reais, gerando em torno de 10.000 empregos, empenhando-se na difusão da Tecnologia do Safta e realizando estudos em parceria com órgãos oficiais, nacionais e internacionais, para agregar valor aos produtos agroflorestais.

A COLONIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA PRIMEIRA COOPERATIVA DA AMAZÔNIA

A imigração japonesa na Amazônia iniciou-se às margens dos rios Acará e Tomé-Açu, a 220 quilômetros ao sul da capital Belém, estado do Pará, com a chegada das primeiras 43 famílias japonesas, compostas por 129 pessoas, as quais fundaram a primeira colônia em 16 de setembro de 1929, e organizaram a cooperativa de hortaliças pioneira na Amazônia.

A colonização no ano de 2009 completou 80 anos e foi formada desbravando-se uma região da selva amazônica, habitada pelos povos da floresta, principalmente indígenas da tribo dos Tembés, com o plano inicial de cultivar o cacaueteiro, conjuntamente com arroz e hortaliças, agricultura praticada tradicionalmente no Japão. Esses produtos destinavam-se à manutenção familiar, com o excedente comercializado na capital Belém, que na época era o mercado consumidor mais próximo, sendo que o percurso da viagem fluvial até a capital, durava em torno de 20 horas, realizada por meio de barcos construídos pelos próprios imigrantes.

Além disso, enfrentavam dificuldades para comercialização, devido à população não ter hábitos de consumo principalmente de hortaliças, sendo os imigrantes japoneses obrigados a ensinar o preparo adequado das hortaliças. Na colônia também se plantou o cacaueteiro, espécie perene, nativo da floresta amazônica, que se tornou inviável, sendo abandonado devido ao ataque de pragas e o desconhecimento das técnicas de cultivo na década de 30. Nessa fase, os imigrantes passavam por sérias dificuldades econômicas, ainda sem um plano agrícola definido; enfrentaram também as doenças tropicais, principalmente a malária. Diante disso muitos colonos abandonaram suas terras em busca de outras oportunidades de trabalho, visando melhores condições de vida nas cidades mais desenvolvidas do estado e Região Sudeste do país.

INTRODUÇÃO DA PIMENTA-DO-REINO EM TOMÉ-AÇU

Na década de 30, o diretor da Companhia de Imigração, Dr. Makinosuke Usui, voltando de uma expedição em busca de novos imigrantes no Japão, parou no porto de Cingapura para realizar o funeral de uma senhora. Nesta cidade lembrou-se do sofrimento da colônia de Tomé-Açu na selva amazônica do Pará, e na tentativa de reverter a forte crise, procurou alguma planta no mercado local, onde adquiriu 20 mudas de pimenta-do-reino, das quais sobreviveram apenas duas mudas. Essa especiaria já teria sido introduzida no Brasil desde o século XVII, no Estado da Bahia, porém não se caracterizou como uma cultura de importância econômica, vindo por meio da reintrodução realizada no município de Tomé-Açu, a se tornar um grande potencial econômico do estado do Pará.

No ano de 1949, a colônia se reorganizou transformando a Cooperativa de Hortaliças na Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu (Camta). Logo após a II Guerra Mundial, houve maior demanda e forte valorização dos alimentos, inclusive da pimenta-do-reino, despertando grande esperança na colônia, que intensificou de forma extensiva a monocultura na região. Nessa época, a Camta começou a orientar os produtores na administração dos grandes contingente de trabalhadores para tratamento das lavouras de pimenta-do-reino, destacando-se as pessoas oriundas da cidade de Cametá (PA), e devido à fácil integração e dedicação nos trabalhos da comunidade nipônica, muitos se tornaram autônomos (comerciantes e produtores rurais), influenciando a agricultura da cidade natal e a região do seu entorno.

Na década de 50, o município Tomé-Açu estava com a produção organizada por meio da Camta, e transformou-se no maior pólo de produção nacional da cultura da pimenta-do-reino, elevando o Brasil a ocupar a liderança mundial na exportação dessa piperácea, devido à alta expressiva nos preços internacionais. A especiaria na época foi denominada “diamante negro”,

por ter proporcionado à região, prosperidade e riqueza, contribuindo decisivamente para o desenvolvimento regional.

A partir da década de 60, começaram a surgir as doenças letais nas pimenteiras, chegando a dizimar rapidamente alguns plantios, mergulhando os imigrantes em uma nova crise da colônia japonesa, reforçando a grande necessidade de reavaliação das lavouras de monocultura na Amazônia.

A CAMTA E O DESENVOLVIMENTO SISTEMA AGROFLORESTAL DE TOMÉ-AÇU (SAFTA)

A Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu (Camta), temendo os riscos da doença fusariose, que estava dizimando as extensas lavouras da monocultura da pimenta-do-reino, na década de 60, começou a incentivar, a partir da década de 70, entre seus associados um novo sistema de produção, consorciando fruteiras (cacau, maracujá, cupuaçu, acerola, açaí, banana e outras), dentro das áreas de pimenteiras decadentes, objetivando o cultivo contínuo do solo para geração de renda em curto, médio e longo prazos. A Camta, baseada nas experiências de campo e na floresta nativa, aprimorou a tecnologia para um segundo estágio, plantando espécies arbóreas nativas da Amazônia, completando o sistema com culturas perenes (castanha-do-brasil, andiroba, bacuri, paricá, freijó, mógno, ipê roxo, ipê amarelo, seringueira, dentre outras), para aproveitar a mesma área, formando uma cadeia sucessiva com rotação sequencial, antes durante e depois do plantio de pimenta-do-reino.

Nesse sistema de produção, as espécies arbóreas são utilizadas para sombreamento definitivo da cultura do cacau, originando-se assim o Sistema Agroflorestal de Tomé-Açu (Safta). Nesse sistema de produção, ficou definida como base de sustentação a cultura do cacau, planejada inicialmente a implantação de 1 milhão de cacauzeiros. Mas os produtores, céticos e ofuscados com o diamante-negro, somando-se ao fracasso da cultura no início da colonização em 1929, plantaram somente 400 mil mudas até o ano de 1974.

Os cacauzeiros tiveram crescimento rápido devido ao reaproveitamento dos resíduos de fertilizantes aplicados nas lavouras de pimenta-do-reino, e o sombreamento promovido pelas espécies arbóreas, principalmente as nativas da Amazônia.

Em 1976, a Organização Mundial de Saúde (OMS) proibiu o uso de óleo fóssil nos cosméticos, promovendo grande demanda por amêndoa de cacau no mercado, elevando significativamente o preço de U\$ 400,00 para U\$ 4.800,00 a tonelada de cacau. Nos anos de 1975 e 1976, os agricultores, motivados pela alta dos preços, plantaram 1 milhão de cacauzeiros em Tomé-Açu, ultrapassando a meta inicial e transformando o Safta em um modelo de produção com capacidade de geração de renda também em longo prazo. A renda na cadeia sucessiva de produção do Safta, além de produzir frutas tropicais, complementa-se com a extração de produtos como óleos nobres, borracha natural, madeiras legalizadas e outros produtos da Amazônia. A Camta, através do domínio dessa nova tecnologia de produção, já implantou, desde a década de 70, aproximadamente 5 mil hectares, que rendem anualmente em torno de 4 mil toneladas de produtos agroflorestais.

A CAMTA, OS PRODUTOS DO SAFTA E O DESENVOLVIMENTO DA AGROINDÚSTRIA

O Sistema Agroflorestal de Tomé-Açu (Safta) está garantindo o desenvolvimento com sustentabilidade econômica, ecológica e social, fechando-se o ciclo do agronegócio por meio da Agroindústria de Frutas Tropicais da Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu (Camta), implantada no ano de 1987, em Tomé-Açu (população de 47.404 habitantes, IBGE 2001). Ela processa anualmente em torno de 3,5 mil toneladas de polpa de frutas tropicais, com capacidade de armazenamento de 2 mil toneladas, e absorve toda a produção de frutas de 2.800 produtores cadastrados.

A Camta produz 14 sabores de frutas 100% naturais da Amazônia, amêndoas de cacau, pimenta-do-reino e óleos vegetais nobres. Esses produtos são comercializados em vários estados do Brasil e exportados, principalmente para o Japão, Estados Unidos, Argentina e Alemanha.

A Camta está desenvolvendo a região, contando com a força de 130 associados, gerando mais de 10.000 empregos, e registrou faturamento, em 2009, de 19,3 milhões de reais. Atualmente, a Camta coordena a divulgação do Sistema Agroflorestal de Tomé-Açu (Safta) para os associados e agricultores familiares locais, bem como de outros estados, o que tem influenciado a economia da região do Vale do Acará, composta pelas seguintes cidades, com suas respectivas populações registradas, no último censo do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) de 2001: Concórdia (20.956 habitantes), Tailândia (38.435 habitantes), Bujarú (22.508 habitantes) e Acará (30.000 habitantes). A paisagem rural do município de Tomé-Açu também transformou-se; onde existiam extensos campos de monocultura da pimenta-do-reino, hoje são vistas extensas coberturas agroflorestais.

A CAMTA, PARCERIAS GOVERNAMENTAIS PARA DIFUSÃO E APRIMORAMENTO DA TECNOLOGIA

A Cooperativa Agrícola de Tomé-Açu Camta, está realizando a difusão e o aprimoramento da tecnologia do Sistema Agroflorestal de Tomé-Açu (Safta), por meio da mídia, e formalizando parcerias com órgãos governamentais, como JICA (Agência de Cooperação Internacional do Japão), Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), UFRA (Universidade Federal Rural da Amazônia), Unicamp (Universidade de Campinas), Ceplac (Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira), bem como a Universidade de Tóquio. Essas entidades estão conjuntamente realizando estudos científicos, visando agregar valor aos produtos do Safta, por meio da certificação e dos créditos de carbono.

O RENDIMENTO DO SISTEMA AGROFLORESTAL DE TOMÉ-AÇU (SAFTA)

No Sistema Agroflorestal de Tomé-Açu, no estado Pará, uma área de 25 hectares, manejados adequadamente, emprega em torno de 20 pessoas, além de promover uma renda equivalente a 1.000 hectares de pastagens para bovinos de corte, que emprega apenas 4 vaqueiros (YAMADA, 1999; OSAQUI, 2006). Essa relação, defendida na tese de doutorado deste pesquisador, comprova a contribuição na conservação dos recursos hídricos e da biodiversidade da Amazônia, porém, para garantir a continuidade, faz-se necessário um plano governamental, envolvendo as entidades de pesquisa para expansão do sistema agroflorestal em escala regional.

JUSTIFICATIVA

O relato desta experiência reflete os anseios dos produtores rurais nipo-brasileiros, principalmente os imigrantes japoneses pioneiros, que deixaram essa valiosa herança, e estão representados pela Cooperativa Agrícola Mista de Tomé-Açu (Camta), composta atualmente pelos diretores: Francisco Wataru Sakaguchi (diretor presidente), Ivan Hitoshi Saiki (diretor gerente da Agroindústria de Frutas Tropicais), Michinori Konagano (Diretor da Assistência Técnica Educacional e Social), e diretores membros Seiya Takaki, Dinaldo Antonio dos Santos e Kazuo Kubota; em conjunto com as demais entidades estão empenhadas no desenvolvimento e expansão do sistema agroflorestal de Tomé-Açu.

As experiências dos imigrantes japoneses no desenvolvimento do Safta transformaram-se em uma referência básica para os plantios de sua propriedade de 850 hectares, dos quais 190 hectares são cultivados com diversas composições agroflorestais, e atualmente são realizados trabalhos de extensão rural difundindo essa tecnologia, com apoio da assistência técnica da Camta para os agricultores familiares.

Esses trabalhos despertaram o interesse do governo japonês, e como representante da Camta em 2009, realizaram-se palestras nas universidades e escolas técnicas federais no Japão, onde se relatou a experiência do agronegócio sustentável na Amazônia baseado no Safta.

Em 2009, comemoraram-se os 80 anos de imigração japonesa na Amazônia, e a comunidade, preocupada com as mudanças climáticas no mundo, enfatizando principalmente os desmatamentos na Amazônia, deposita grande esperança no sistema de produção descrito nesta experiência, no qual se pratica um exclusivo modelo de agricultura de conservação dos recursos hídricos e da biodiversidade da Amazônia.

Nesse contexto, o presente relato de sua experiência, fundamentado no sistema agroflorestal de Tomé-Açu (Safta), proporciona expressiva alternativa para a produção sustentável e a recuperação de áreas degradadas na Amazônia, justificando-se a inclusão deste modelo produtivo no Prêmio Nacional de Desenvolvimento Regional.
